

Capítulo 1

Invadido por um profundo arrependimento, ele encostou-se à parede traseira da casa. A sua figura alta e forte confundia-se com as sombras; tinha o coração apertado, e contemplou a casa com os olhos escuros e pensativos. Era uma casa tão bonita... tão quente e convidativa. *Como ela costumava ser.*

Os seus pensamentos voltaram-se para a mulher que se encontrava lá dentro. Era ainda muito bela e, por vezes, quando estava receosa, colocava a sua mão quente na dele. Porém, isso era tudo. Raramente existia qualquer género de paixão nesse gesto. Raramente um sorriso ou uma expressão acolhedora afloravam ao seu olhar.

Ela nem o amava nem o desejava. Não era culpa dela e ele sabia disso. Ainda a amava, mas deixara de a conhecer, pelo menos da maneira como costumava ser.

Sentiu remorso intenso, estranho, pois o arrependimento mesclava-se com uma sensação de alívio, como se já não precisasse de provar nada. Não era preciso. *Não havia ninguém de quem cuidar.*

Ele amara aquela casa maravilhosa desde o primeiro dia, há já sete anos, quando levou a mulher com quem casara ao colo, através das amplas portas de carvalho, fazendo-a rodopiar enquanto ela se aconchegava a ele, risonha e feliz, com o seu lindo rosto resplandecendo de amor por ele e... oh, como ele a adorara. *Porém, isso fora nessa altura.* Agora, nada mais lhe restava a não ser recordações.

Doía-lhe o coração por ansiar que as coisas fossem como haviam sido antes. Porém, por mais que o desejasse, não haveria retorno.

Respirando fundo, começou a caminhar pelo jardim, repleto de pequenos trilhos ladeados de arbustos e árvores. Estava-se em meados de Fevereiro e aqui e ali os botões já se estavam a formar. Dentro de um mês, desabrochariam e o jardim encher-se-ia de múltiplas cores. Ao atravessá-lo, poder-se-ia imaginar caminhar no paraíso.

Quando os sintomas da doença dela se tornaram demasiado difíceis para ele conseguir suportar, por vezes vinha até ao jardim para caminhar e reflectir, até o seu espírito acalmar. Então, entrava novamente em casa, preparado para enfrentar o que quer que lá encontrasse.

Hoje era terça-feira, e as terças-feiras eram dias muito especiais, pois durante algum tempo era livre de seguir o seu coração, de fazer o que queria, de ser o que quisesse. A terça-feira era o *seu* dia. O *seu* refúgio.

Apressou o passo em direcção ao edifício do anexo. Aí, pegou num molho de chaves, abriu a porta e entrou. Puxou o cortinado improvisado da janela e um raio de sol iluminou o cavalete coberto por um pano, ao fundo da sala.

Afastando o pano, surgiu a pintura de uma mulher bela e esbelta, de cabelo castanho caindo sobre a cintura, com uns olhos escuros e sensuais. Permaneceu ali durante algum tempo, observando aquele rosto de feições suaves e airozas, onde um sorriso lhe animava a expressão.

Estendeu a mão e passou o dedo em torno dos lábios sensuais e convidativos da mulher. Sentiu uma infinita tristeza invadi-lo.

— Tenho tanta pena – murmurou. — Se ao menos pudesse mudar as coisas, sabes que o faria.

Passados alguns instantes, voltou a cobrir a pintura e, em passos largos, dirigiu-se a um baú em madeira e abriu a tampa. Retirou do móvel uma pesada chave de ferro

escondida entre paletes de pintura, telas e pincéis. Era o seu passaporte para um outro mundo.

Meteu a chave no bolso do casaco e saiu, fechando a porta atrás de si. Depois, atravessou rapidamente os jardins e saiu por um portão lateral.

~~~

Da janela do quarto, ela viu-o sair... a mesma mulher que ele pintara tão amorosamente e cujo retrato se encontrava escondido no anexo. Viu-o fechar cuidadosamente o portão; escutou o familiar ruído do motor e imaginou-o a conduzir o seu longo *sédan* preto que comprara apenas há alguns meses. Ouviu o ronronar do motor aumentar à medida que se afastava, atravessando a fileira de faias alinhadas ao longo da estrada, e teve ainda um breve vislumbre do carro a afastar-se da casa.

Permaneceu ali, mesmo quando já não conseguia ouvir o motor, pensativa e ansiosa, até que ouviu alguém a chamá-la da porta, assustando-a.

— Sylvia! Andámos à sua procura por toda a parte!

Sorrindo, voltou-se da janela.

— Está um dia tão lindo, não acha Edna? – Porém, o sorriso era forçado, pois ele partira e ela estava sozinha.

Sentia-se muitas vezes só, agora afastada do marido, e da irmã, a querida Edna. Ninguém a visitava. Tinham demasiado medo dos seus modos. A medicação ajudava a diminuir as crises de fúria, mas muitas vezes o seu estado de ânimo irritável levava a melhor sobre ela. Por vezes, era preferível a irritação do que o efeito entediante dos medicamentos e, por isso, ocasionalmente, escondia os comprimidos fingindo que os tomara. Contudo, haviam dias em que tinha mesmo de os tomar ou perderia completamente o controlo.

~~~

À medida que a distância aumentava entre eles, os pensamentos de Luke permaneciam com ela; quanto mais se distanciava da casa, mais sentia que um grande peso lhe estava a ser retirado dos ombros. A expressão tensa ia desaparecendo do seu rosto; os olhos escuros começaram a piscar e sentiu o corpo descontrair-se no assento do automóvel. Era terça-feira, estava a conduzir pela estrada fora e uma sensação de liberdade enchia-lhe a alma.

Hoje afastar-se-ia da costa, cerca de vinte milhas. Gostava do mar aberto e do vasto céu que se abria após a rua residencial e ordeira, em Blackburn, e do barulho e da fuligem da fábrica em outros dias da semana. Depois, viraria em direcção ao interior, para desfrutar dos prazeres especiais desse dia e da preciosa liberdade que lhe era permitida.

Ao aproximar-se da praia, um bando de gaivotas desceu o céu, piando e ocultando-lhe o caminho, ao voarem céleres e rentes ao pára-brisas do carro.

— Deus do Céu! — perplexo, travou bruscamente fazendo chiar os travões. Parou e saiu do carro para observar as aves enquanto se afastavam, atirando as suas sombras sobre o Sol da manhã. A fúria acalmou-se; um sorriso delineou-se no seu rosto pensativo. «Livre como um pássaro». Quando já não passavam de meras pintas no céu distante, cerrou momentaneamente os olhos, desejando estar lá no alto, com elas.

Percorreu com o olhar toda a linha da praia. O mar estava invulgarmente calmo. Lá muito ao longe, na praia, uma mulher passeava vagarosamente com dois cães labrador, que corriam um atrás do outro. Ela era uma presença habitual naquela praia. Ele já vira a sua silhueta esguia e magra muitas vezes antes.

Deixou o olhar deambular pelo horizonte: para a direita, onde um homem já estava abrir o seu **quiosque de chá** e, por detrás dele, a loja da florista resplandia de cor com as flores primaveris. A vida continua, pensou ele. *Ah, se ele ao menos soubesse.*

Regressando ao carro, recordou-se novamente de que era terça-feira. Recordou a si próprio que era altura de pôr os pensamentos negros para trás das costas. Era melhor ir andando ou o dia passaria sem que ele desse por isso.

Ao fim da estrada, virou, ficando de costas para o mar, e seguiu para o interior, rumo às colinas e a Ribble Valley, onde todas as curvas e marcas no terreno lhe eram familiares e lhe traziam algum consolo.

Os caminhos tornaram-se mais estreitos e serpenteantes até desaparecerem e irem dar a um trilho rude que o levava cada vez mais para o interior dos bosques, para lá da civilização, para lá do fardo do seu dever e das responsabilidades quotidianas que tinha.

~~~

Quase uma hora após ter saído de casa, chegou ao destino, a um bosque denso que o escondia do mundo e onde as árvores altas quase ocultavam por completo o céu.

Um ribeiro serpenteante murmurava, brilhando à luz da manhã, e, olhem só! Entusiasmado, inclinou-se um pouco para a frente para ver dois pequenos veados bebendo na margem. Era disto que precisava. Durante a semana, enquanto estava ocupado pelo trabalho e pelo dever, era por esta magia que a sua alma ansiava.

Dirigiu-se até à pequena cabana de madeira, construída por si ao longo de dois anos maravilhosos. Depois, quando estivesse pronta, sentar-se-ia na varanda coberta por muitas horas, preguiçando e reflectindo, e embora os seus problemas fossem graves, encontrava sempre tempo para agradecer a Deus pelas muitas bênçãos que tinha. Aqueles terrenos estavam na sua família há gerações e ele passara ali, em criança, férias de Verão muito felizes, lendo, pescando e fazendo piqueniques aqui, quando visitava os avós que viviam perto.

Tirou a chave do bolso e enfiou-a na fechadura para abrir a porta; como sempre, quando voltava após uma semana, o ar húmido e bafiento envolveu-o imediatamente. Impaciente, retirou as portadas de madeira e abriu as janelas para deixar entrar o ar fresco. Depois, tirou do bolso uma caixa de fósforos, pegou num e raspou-o na parede de pedra em redor da lareira. Quando fez chama, acendeu cuidadosamente o monte de papel e madeira no interior da lareira.

Em breve o fogo ardia alegremente, animando e aquecendo todo o espaço. Sentiu-se orgulhoso com o que conseguira. A cabana era sólida, construída para durar, e composta por um pequeno quarto, uma casa de banho improvisada, e uma área central ampla que servia de sala de estar e de cozinha. Prática e atraente, a cabana era o ideal para as suas modestas necessidades.

O próprio mobiliário fora talhado das árvores em redor, antes de ser trabalhado com carinho por ele de modo a ter tudo o que precisava: uma mesa pequena e quadrada e duas

cadeiras; uma cómoda robusta e ampla; e um banco comprido junto à lareira, onde se sentava à noite, a sonhar com a vida que nunca teria.

Depois havia a cama. Era suficientemente quadrada e robusta para aguentar com o peso de um homem, e ficara muito bonita. Coberta com um edredão colorido em cor de vinho, tinha bastante espaço para duas pessoas. Afinal de contas, podia sonhar...

Ao lado da cama ficava um pequeno guarda-fato, pouco espaçoso, mas suficiente para lá caberem as coisas de que mais gostava.

Para usar a casa de banho e tomar banho, trazia alguns baldes cheios de água do ribeiro, e construía uma pequena retrete numa pequena cabana anexa à casa. Caso tivesse fome, havia sempre comida enlatada na despensa, e podia sempre colher alguma coisa na floresta, dependendo da altura do ano. O facto de ter passado tantas vezes férias em criança naquele sítio idílico e selvagem, dera-lhe uma excelente formação para a vida numa cabana.

Agora, com o fogo faiscante a crepitar, estava sempre consciente das fagulhas que saltavam e que poderiam fazer arder a cabana do chão ao tecto; por isso construía uma lareira ampla e funda em pedra. Construía também uma grelha de ferro improvisada que colocara em frente das chamas.

Depois de colocar a grelha de protecção em frente ao fogo, foi até ao armário. Retirou a tela e o cavalete e levou-os para um canto da sala. Não tirou o pano que cobria a pintura. Manteve-a algum tempo entre as mãos, com o pensamento a vaguear até um pequeno café acolhedor no centro de Blackburn. Era uma outra parte da sua vida secreta. Depois colocou a tela no cavalete.

Retirou do armário um monte de roupa que pendurou sobre a grelha de protecção frente à lareira para arejar e aquecer, enquanto despia o fato, a camisa e a gravata.

Quando se voltou a vestir, o homem de negócios desaparecera, e no seu lugar surgiu um trabalhador normal, vestido casualmente com calças de caqui castanhas, camisa verde de xadrez e pesadas botas pretas. O uniforme do dever fora guardado e ele era agora um homem à vontade consigo próprio.

Era o momento por que tanto ansiara desde a última vista. Com enorme cuidado, retirou a cobertura da pintura.

Quando a tela ficou à vista, contemplou-a durante longos momentos, maravilhado, com os olhos escuros e sorridentes deambulando por cada traço.

Sorrindo-lhe, a jovem mulher de cabelo solto e cor de avelã, parecia viver. Os olhos risonhos, azuis-escuros como safiras, haviam sido pintados de tal forma que pareciam sempre fitá-lo em qualquer lugar da sala em que ele estivesse. Os lábios, ligeiramente entreabertos, eram lindos e tão reais que ele sentia que, subitamente, ela começaria a falar com ele. Mas nunca o fizera, excepto nos seus sonhos. Provavelmente, nunca o faria.

Contudo, ele conhecia-a bem, aquela pequena mulher vibrante que lhe invadira o pensamento. Apesar de ser uma parte especial da sua vida de terça-feira, ela mal sabia da existência dele.

Voltou ao armário onde guardava as tintas e os pincéis. Alguns minutos depois, estava a dar pinceladas finas sobre as pontas encaracoladas do cabelo castanho da mulher.

— Não me conheces — murmurou carinhosamente — mas sinto que te conheço. Já vi como iluminas completamente uma sala quando lá entras... — vieram-lhe ao espírito imagens dela, sobre a própria vida de terça-feira dela, rindo com a amiga, fazendo-o sorrir — e sei que tens um maravilhoso sentido de humor.

Mudando de pincel, começou a trabalhar nas maçãs do rosto. «Nem imaginas o quanto tenho desejado ver-te.»

Parou um pouco, e o pensamento voltou até à sua casa e à mulher que lá o aguardava.

— Talvez seja melhor que nem sequer tenhas reparado em mim — suspirou — Sabes, Amy... um homem bem pode sonhar e ter esperança, mas os sonhos não são a realidade e a vida pode deitar-nos abaixo. Eu faço o meu melhor, mas estou preso numa armadilha, e completamente impotente. Se ao menos conseguisse encontrar um modo de mudar o rumo que as coisas tomaram...